

Não decifradas as inscrições

O pesquisador Marcos Albuquerque, da Divisão de Antropologia Tropical do Instituto de Ciências do Homem, da UFP, afirmou que "jamais foram traduzidas as inscrições rupestres espalhadas pelo Brasil". Essas pictografias, adiantou, espalhadas não apenas no Brasil, como também, por todo o mundo, pertencem a grupos humanos pré-históricos em estado cultural compreendido entre o paleolítico e o neolítico".

"Uma fotografia publicada no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, atribuiu a uma inscrição Fenícia na Paraíba, nos parece ser realmente constituída de sinais Fenícios, entretanto se fazem necessárias duas observações:

1º) Constatar a real procedência do documento, inclusive, caso esta inscrição esteja fora do Brasil, seria importante se fazer uma análise através de lâminas ou mesmo macroscopicamente da rocha onde foi destacada, como também a comparação da forma do bloco destacado e a sua possível forma negativa, deixada na rocha madre.

2º) Em tôdas as nossas pesquisas arqueológicas pelo nordeste do Brasil, algumas vèzes, nunca encontramos em nenhuma parte inscrições que se assemelhem com a publicada recentemente pelo DIÁRIO, embora já tenhamos centenas e centenas de inscrições copiadas e fotografadas.

NÃO FAZ PARTE

A pesquisa do professor Tadeu Rocha, publicada nos jornais da cidade, esclareceu definitivamente, que a famosa inscrição fenícia é apócrifa e não faz parte, em tempo algum, dos litógrafos encontrados no Estado da Paraíba".

OS FENÍCIOS

Quanto ao suposto descobrimento da América pelos fenícios, o pesquisador Marcos Albuquerque esclareceu:

"Não somos de modo algum contrários à presença Fenícia no Brasil, como em qualquer parte do mundo. Somos contrários, porém, a afirmações simplistas, como algumas que foram feitas nos últimos dias".

"Falta a certos historiadores base em certas ciências como a Antropologia, a Geologia e tantas outras que possibilitem a êsses mesmos historiadores elaborarem hipóteses ousadas, algumas delas já superadas e que muitos ainda tentam reviver".

Quando surgiram grandes polêmicas em tempos idos, no Brasil, com relação à presença

Fenícia em solo nacional, a Arqueologia de então, mais empírica que científica, praticada antes por amadores que por profissionais, não tinham as menores condições de chegar a conclusões seguras.

Hoje em dia, podemos afirmar com segurança que se pratica no Brasil, em 10 ou 12 centros, uma Arqueologia rigorosamente científica, que está em pé de igualdade com a praticada em outros centros do mundo.

Esta Arqueologia, trabalhando com métodos bem elaborados e rigorosamente científicos, está capacitada a desmanchar embustes, como também a auxiliar a certos historiadores menos avisados, porém bem intencionados, desde que desejam encontrar a verdade dos fatos.

Existe, no entanto, pesquisadores sérios como o professor Larroche que, defende a presença do fenício no Brasil inclusive com uma sua teoria, aliás bem elaborada, da semitização dos Tupís. Infelizmente somos totalmente infensos às conclusões chegadas pelo ilustre professor, que ao contrário de outros (que se limitam a repetir o que foi escrito) vai ao campo tirar suas próprias conclusões.

PARALELISMO CULTURAL

"Para se elaborar hipóteses ou teorias em Arqueologia, gostaríamos de lembrar que estas hipóteses ou teorias não poderão estar soltas e sim, diretamente interligadas e coerentes com outras disciplinas complementares. Concluindo suas declarações afirmou:

"Quando alguns historiadores essencialmente difusionistas defendem a presença fenícia no Brasil, tendo como base algumas semelhanças existentes entre sinais fenícios e outros de nossa pré-história, lembramos que existem outras teorias que explicam a cultura além da difusionista. Existe o paralelismo cultural que explica o surgimento de dois ou mais traços culturais em regiões distintas e distantes sem que tenham havido o menor contato entre elas".